

Ler, ouvir e falar: a experiência dos Grupos de Leitores nas Bibliotecas Municipais de Oeiras

Bruno Duarte Eiras

Rede de Bibliotecas Municipais de Oeiras

Av. Francisco Sá Carneiro, 17

Urb. Moinho das Antas

2780-241 Oeiras

Tel: 214406340

E-mail: bruno.eiras@cm-oeiras.pt

RESUMO

A avaliação dos resultados do impacto dos grupos de leitores têm no âmbito da promoção da leitura está por fazer em Portugal. No entanto, independentemente do local onde decorram ou qual a designação que adoptem, a sua organização é quase sempre um sucesso, enquanto espaços de reunião entre pessoas que partilham o mesmo gosto pelo livro e pela leitura.

Existem várias designações para os grupos de pessoas que se reúnem para falar sobre um livro lido previamente: grupos de leitura, clubes de leitura, comunidades de leitores ou grupos de leitores.

Nos últimos anos assistiu-se ao aparecimento de Grupos de Leitores em diversos locais e com características e objectivos diversos. Contudo, todos estes grupos partilham a visão de criação de laços, explorando o livro, para além da sua componente literária, como um elemento de sociabilização.

Através da descrição das práticas dos Grupos de Leitores da RBMO, actualmente no quarto ano do projecto, procura-se mostrar como têm funcionado estes grupos e quais os objectivos atingidos, ao mesmo tempo que já se perspectivam novos caminhos seguindo estratégias de desenvolvimento do leitor e de multiplicação de resultados.

PALAVRAS-CHAVE: Grupos de leitores, Comunidades de leitores, Desenvolvimento do leitor, Bibliotecas públicas, Rede de Bibliotecas Municipais de Oeiras

ABSTRACT

There is a need to evaluate the impact of reading groups in reading promotion activities in Portugal. Regardless of the place where they may occur, or the name they undertake, organizing one is always a success, as meeting places for people who share the pleasure for books and reading.

These groups of people that gather to discuss a previously chosen book can take several name forms: reading groups, book clubs, reader's communities or reader's groups.

In recent years we saw the emergence of reading groups in many different locations with different characteristics and goals.

Yet, all these groups share the vision of creating bonds, using book exploration disengaged of literary value, but as a mean for socialization.

Now, in its forth year project, this presentation aims to describe the reading group practices at Oeiras Public Libraries and achieved goals and, at the same time, describe new reader's development that could take to new paths and results.

KEYWORDS: Reading groups, Reader development, Public Libraries, Oeiras Public Libraries

INTRODUÇÃO

"Não se pode obrigar ninguém a ler, mas pelo menos temos a obrigação de criar condições e incentivos para que as pessoas (...) leiam. E seja pelo prazer que nos proporcionam, pela necessidade que deles temos, por razões de ordem prática, todos acabamos por precisar dos livros. E os livros, todos os livros do mundo, sempre que deles necessitamos ou sempre que somos estranhamente compelidos a procurá-los, devem ser encontrados nas bibliotecas."

Escolhemos este excerto da autoria de Henrique Barreto Nunes (1998, 169) por ser um excelente mote para este artigo e por se enquadrar nos objectivos propostos desta comunicação. Se por um lado é abordado o facto de não ser possível obrigar ninguém a ler, por outro lado remete-se para as bibliotecas como locais onde podemos e devemos ter sempre acesso aos livros independentemente da nossa necessidade ou objectivo. Tal como refere Daniel Pennac (2002, 11), o verbo Ler não suporta o imperativo, contudo é possível contornar esta situação ao centrarmos a nossa atenção nas mais-valias da leitura partilhada, nas vantagens do sentimento de grupo e nas dinâmicas do colectivo.

Sabemos que a leitura é um processo que recorrentemente nos remete para a ideia de solidão, isolamento e concentração, mas muito embora o acto em si mesmo, possa ser realizado nestas condições, existe toda uma outra realidade em que a leitura se processa face ao outro. É comumente aceite que a leitura partilhada é mais produtiva, enriquecedora e permite

alcançar mais resultados, tanto do ponto de vista literário como do ponto de vista recreativo.

A leitura feita no âmbito de um grupo é por si só uma forma de continuar a leitura. Aquilo que se pretende com a leitura em grupo é que as pessoas que gostam de ler partilhem, discutam e debatam as diferentes opiniões que cada um tinha da leitura, ou mais exactamente, da leitura de um mesmo livro. Um Grupo de Leitores não é apenas um grupo onde se lê; é sobre ler em comum, num contexto que é criado pelo conjunto e que afecta toda o processo de leitura.

LEITURA, LEITORES & COMPANHIA

Quando pensamos em leitura, a primeira ideia que nos ocorre é a de uma pessoa solitária. Podemos imaginar esta pessoa a ler jornais ou revistas, mas o livro é o objecto que mais vezes se impõe e a solidão parecer ser condição essencialmente para que a leitura ocorra.

Desta forma, a experiência que se cria entre um texto e o leitor e que dá um sentido especial ao que se lê, não é igual para outro leitor. Dar sentido ao texto, como escrevem Paul Ricoeur ou Michel Certeau é um processo no qual o leitor tem um papel activo a desempenhar tão ou mais importante que o do próprio texto. É a eterna comunicação entre as palavras escritas pelo autor – a narrativa, as personagens, o enredo, o estilo – e a interpretação e a imaginação do leitor. Actualmente os conhecimentos sobre este processo dizem-nos que o acto de ler é suficiente para justificar o incentivo da leitura e do gosto de ler. Sabemos que a transição entre o acto cognitivo de ler e o acto sensorial da leitura não é apenas motivo de forma racional. Não se inicia a leitura de um livro, de ficção, com vista à obtenção de uma resposta específica para uma questão exacta. Consequentemente, quando se domina a leitura enquanto processo de comunicação entre o leitor e o texto, esta torna-se um prazer. Sabemos que chegados a este estágio a leitura excede a realidade e é um meio de evasão da realidade e dê-se modo conseguimos perceber melhor a realidade, e assim encontramos nela o nosso lugar (MANGUEL, 1999).

Sabemos que a leitura que segue este caminho é um acto íntimo e isolado, que se pratica em locais calmos e reservados onde a concentração é maior, segundo um ritmo próprio e que está intimamente relacionada com a esfera pessoal (ARELLANO YANGUAS, 2000, 57). Quando se aborda o processo da leitura nesta perspectiva são todas estas referências que são expostas sendo o prazer de ler uma experiência sensorial, uma forma de exprimir o facto de se ter vivido intimamente e por vezes intensamente algo que parece mais autêntico e próximo, durante a leitura, que a própria realidade.

Tal como refere José Afonso Furtado (2000, 189-190) o acto de ler pressupõe a ocorrência de 6 elementos:

- Técnica de descodificação que pressupõe uma aprendizagem que teve variações ao longo do tempo;

- Prática social que se constituiu como elemento de discriminação social e instrumento de poder ao estar associada a movimentos de resistência política e social;
- Forma de gestualidade em que o corpo e a postura eram elemento reveladores do acto;
- Forma de sabedoria, uma via para o enriquecimento/conhecimento humano;
- Método com vista ao desenvolvimento da inteligência crítica e à organização do saber;
- Actividade voluntária que depende exclusivamente do leitor e do prazer que o acto lhe proporciona.

A leitura enquanto porta aberta de acesso à informação e ao conhecimento pode ser também uma porta que o leitor fecha sobre si, sobre as suas interpretações, as suas reflexões e opiniões. Tal como referem alguns autores cada leitor ao ler, recria o texto, podendo aproximar-se de forma maior ou menor das intenções do autor. Por este motivo, comparar leituras entre leitores será uma operação que nunca estará concluída (CHARTIER, 1997, 12). Durante o processo da leitura, leitor e texto comunicam para, de forma bidireccional, reconstruírem os conceitos, as personagens e a história. Neste processo, pressupostos como o silêncio, a solidão, a concentração e a individualidade estão normalmente em jogo de forma inequívoca.

No entanto, nem sempre tem de ser assim. Em regra pensamos desta forma, mas a leitura enquanto processo cognitivo nem sempre tem de ser feita desta maneira. Ao contrário, a possibilidade de ter a companhia de alguém com quem partilhar a nossa opinião e o próprio processo de leitura, é muito mais estimulante do que inicialmente se possa pensar, quanto mais não seja para criar a capacidade de realizar uma leitura partilhada, livre dos constrangimentos objectivos e subjectivos que nos cercam e que condicionam o processo da leitura.

Uma boa experiência de leitura é sempre o confronto numa perspectiva crítica com o que estamos a ler. Em grupo, esse confronto multiplica-se, alarga-se e enriquece a compreensão do texto. Permite-nos ver a mesma ideia, o mesmo conceito, a mesma história de um ângulo diferente, como se de um objecto se tratasse que pudesse ser observado de várias perspectivas. De entre as principais vantagens de se ler em grupo está o facto de normalmente quem gosta de ler um livro ter prazer em falar sobre ele. As ideias dos outros funcionam como contrapontos das suas. Ao partilhar as nossas opiniões conseguimos distanciar-nos criticamente do que lemos e dessa forma a percepção do que foi lido ganha uma nova dimensão. Partilhar leitura pode também ser encarado como uma forma de prolongar o processo da leitura.

Para o director da Biblioteca Pública de Nova York, Paul LeClerc, ler em grupo é uma actividade que permite ver com outros olhos e ouvir com outros ouvidos. Além disso, o grupo socializa o acto de ler, habitualmente individualizado e solitário, e onde tantas afinidades (ou incompatibilidades) podem se reencontrar. Ler em grupo é por si só uma forma de

continuar a leitura. Um Grupo de Leitores não é apenas sobre ler; é sobre ler em comum, num contexto que é criado pelo grupo e que afecta toda a experiência de leitura (SARICKS, 2005).

DESENVOLVIMENTO DO LEITOR: UM CONCEITO NOVO?

O que é o desenvolvimento do leitor (*reader development*)? Que conceito novo é este? Quais as suas características? E qual a sua relação com a leitura?

Este conceito baseia-se na ideia de trabalhar em função do leitor e todo os seus princípios estão centrados no leitor (*reader-centred*), ao invés do objectivo livro. Começa com o leitor e a sua experiência individual, onde que é realmente importante não é o autor, o enredo, o género ou o tema do livro. O conceito de desenvolvimento do leitor tem como objectivo centrar-se no acto de ler do/e no leitor.

O desenvolvimento do leitor procura cativar através da experiência de leitura que um livro pode proporcionar e de que forma esta leitura pode fazer ao/pelo leitor, ou invés de se preocupar em recomendar géneros específicos, autores ou títulos. Este conceito pretende construir públicos de vários géneros literários procurando guiar o leitor através de várias hipóteses de leitura, de forma a não ficar refém de um escritor ou género em concreto, ajudando o leitor a desenvolver confiança para experimentar outras leituras.

Desenvolvimento do leitor é um conceito que é actualmente utilizado em documentos governamentais e em relatórios de bibliotecas em diversos países. Tal como outros conceitos chave na sociedade actual (globalização, mais-valias, info-exclusão, literacia ou inclusão social) tornou-se um conceito que todos reconhecemos como fundamental, mas nem sempre fazemos os esforços necessários para o tornar efectivo e real. Por este motivo é demais necessário explicar de forma clara este conceito (ELKIN *et al.*, 2004, 54).

Utilizado pela primeira vez em 1995 pelo empresa de consultoria *Opening the Book*, pretendia definir a forma como esta empresa trabalha ao identificar os seus princípios básicos. A *Opening the Book* foi criada em 1991 por Rachel Van Riel com o propósito de trabalhar com as bibliotecas e os bibliotecários de forma a transformar: o aspecto e o ambiente das bibliotecas, a gestão, arrumação e apresentação dos documentos, as competências e a auto-confiança dos bibliotecários, bem como a presença das bibliotecas na internet. Desde meados dos anos 90, que a *Opening the Book* lidera e dá forma a este movimento que conseguiu alterar a noção e o estatuto da leitura no Reino Unido e influenciou positivamente as bibliotecas públicas.

O conceito de desenvolvimento do leitor é sinónimo de uma intervenção pró-activa segundo 4 princípios base (VAN RIEL, 2006):

a) Fomentar a auto-confiança dos leitores e o prazer de ler

Através de técnicas de desenvolvimento do leitor é possível trabalhar com diferentes tipos de público. O desenvolvimento do leitor procura chegar aquelas

peçoas que acham que a leitura não é para elas, aquelas peçoas que por falta de algumas competências não conseguem gostar de ler, mas também àqueles que apesar de serem bastante confiantes nas suas escolhas, não conseguem alargar os seus horizontes de leituras. Muitos leitores apenas lêem um determinado tipo de livro porque acham que nenhum outro lhes proporcionará uma boa experiência de leitura.

A ideia da leitura como uma forma de evasão é talvez aquela mais comum, mas essa não é a única razão pela qual as peçoas lêem, quanto mais se lida com os leitores mais nos apercebemos que existem múltiplos factores que influenciam as escolhas de leitura. É possível que diferentes peçoas consigam ter boas experiências de leitura com livros diferentes, da mesma forma que um mesmo livro pode proporcionar diferentes experiências de leituras num determinado leitor. Muitas vezes as experiências que temos quando jovens, na escola, podem ter consequências para o resto da vida. Uma má experiência de leitura pode deixar um leitor com falta de confiança para ler determinado livro, autor ou género, ou em último caso pode fazer com que se perca um leitor. O desenvolvimento do leitor mostrar como o processo de leitura pode ser excitante, divertido e agradável, mostrando como se pode incutir estas sensações no nosso dia-a-dia.

b) Aumentar as hipóteses de selecção de leituras

Normalmente um leitor mantém os seus gostos literários e gosta de ler aquele autor, género ou enredo que lhe garante a satisfação das suas expectativas de leitura. No entanto, todos nós já descobrimos um livro por mero acaso, em que apesar de não ser o nosso género de leitura habitual, tivemos uma agradável surpresa ao vivermos uma boa experiência de leitura. No entanto, e apesar desta situação não ser rara, dificilmente um leitor procura novos autores, géneros ou enredos de livre vontade. O desenvolvimento do leitor pretende criar estratégias para levar os leitores a procurarem boas experiências de leitura para além das escolhas habituais, sem defraudar as suas expectativas e sem se sentirem expostos. Por vezes se lermos livros que não fazem parte das nossas escolhas habituais, e através desse novo caminho de leitura e aprendizagem, podemos reler o nosso género preferido com maior entusiasmo.

c) Criar oportunidades de troca de experiências de leitura

Ler um livro é uma actividade pessoal. Criar laços com as personagens, o autor, ou com o narrador do livro é algo que só uma boa experiência de leitura pode potenciar. Contudo, por vezes gostamos de partilhar as nossas experiências de leitura com alguém e falar sobre aquela história que nos deixou cheios de entusiasmo, ou quando temos vontade de partilhar o final de um longo romance com mais de 600 páginas, ou até mesmo quando lemos um livro que nos deixou furiosos e queremos saber se mais alguém também se sentiu assim ou se somos nós que não percebemos bem a história.

O desenvolvimento do leitor está relacionado com a criação de espaços e oportunidades para falar sobre as nossas leituras: às vezes pessoalmente num grupo de leitores, outras vezes em fichas de registo de opiniões

deixadas dentro dos livros ou através de mural onde os leitores podem deixar as suas opiniões. O contacto entre leitores é a forma de promoção da leitura mais poderosa que existe. As sugestões de leitura entre leitores têm maior hipótese de serem aceites, do que qualquer crítica literária, exposição mediática ou prémios literários.

d) Elevar o estatuto da leitura enquanto actividade criativa

A leitura enquanto processo cognitivo pode e deve ser considerada como uma actividade criativa, na medida em que a comunicação que se estabelece e os laços que se criam entre as personagens, o autor e o narrador da história são únicos e variam em cada leitor. De cada vez que alguém lê um livro recria a história e os diálogos de uma forma pessoal, ainda que transmissível, recorrendo à imaginação. Desta forma, o desenvolvimento do leitor pretende apresentar a leitura como uma actividade criativa em que o leitor é o elemento chave.

O desenvolvimento do leitor centra a sua atenção no leitor numa perspectiva de qualidade, e é sob este princípio que se compreende melhor qual o propósito deste conceito: “O melhor livro do mundo é simplesmente aquele que o leitor mais gostou e isso é algo que cada um de nós consegue fazer sozinho, no entanto o desenvolvimento do leitor pode ajudar-nos a descobri-lo” (VAN RIEL, 2006).

Através da nossa própria experiência enquanto leitores podemos constatar de que por vezes as melhores experiências de leitores podem ser conseguidas através de livros que geralmente são considerados fáceis, e cujos títulos não vão fazer grande história. É também possível ter-se uma má experiência de leitura com um livro que seja comumente aceite como sendo uma grande obra literária. No entanto, isto não significa que a opinião do leitor esteja incorrecta ou até que o leitor tenha algum problema ao nível da compreensão leitora. No fundo, o que está aqui em causa é que aquele livro pode não ter sido o indicado para aquela altura ou por qualquer razão aquele livro não cativou a leitura. Tal como preconizou Ranganathan nas “5 leis da biblioteconomia” ou Daniel Pennac, nos “Direitos do Leitor”: “a cada leitor o seu livro”, “a cada livro o seu leitor” ou “o direito de ler não importa o quê” (PENNAC, 2002, 171).

As nossas reacções face a um determinado livro são definidas pelo nosso percurso enquanto leitores, ou também enquanto não leitores. Cada leitor terá uma diferente experiência de leitura dependendo do seu percurso pessoal, dos seus preconceitos, atitudes e valores (HORNBY et al., 2008, 42).

A qualidade literária do texto não é o único factor a intervir para se ter uma boa experiência de leitura. Na prática, o processo de leitura está sempre dependente do leitor, será ele que decidirá quanto iniciar ou parar a leitura de um livro, qual o esforço que irá dedicar à leitura ou se estará mais ou menos concentrado na leitura. Frequentemente, os leitores não têm noção dos condicionamentos que lhe estão subjacentes ao próprio processo de leitura de um livro.

O desenvolvimento do leitor parte do princípio de que

as opções de leitura devem ser respeitadas, bem como a experiência de leitura que daí adveio. Cada leitor decide qual é para si o melhor livro e a melhor leitura. Segundo esta abordagem, devemos encorajar os leitores a experimentarem novas opções de leitura ou até mesmo leituras diferentes. Neste processo, o que está em causa é a preocupação de alargar o horizonte das opções de leituras, sendo que a decisão final será sempre do leitor, e esta deve ser respeitada face a qualquer outro factor.

De forma a efectivar o correcto desenvolvimento do leitor devemos ter uma abordagem centrada no leitor (*reader-centred approach*), sendo que este método apresenta diversas vantagens. Por um lado, permite que leitores com diferentes opções de leitura consigam comunicar ao partir de um denominador comum, por outro lado, permite ultrapassar quaisquer barreiras ou juízos de valor que cada um de nós possa ter. Este princípio permite falar sobre livros muito para além da distinção entre clássicos e literatura “light”, poesia e prosa, policiais ou ficção científica, autores clássicos ou contemporâneos.

Não se pretende efectuar quaisquer juízos de valor quanto às leituras individuais ou sobre os seus conhecimentos literários, o conceito de alta literatura ou sobre as novidades literárias. Não é necessária a utilização de nenhuma linguagem específica ou técnica, por a abordagem centrada no leitor não pressupõe que os leitores analisem ou critiquem as leituras já efectuadas. Aquilo que é relevante, é que cada leitor consiga partilhar as suas opções de leitura de forma a exprimir o impacto de cada leitura, aquilo que nos fez sentir ou pensar, segundo as suas próprias palavras. Desta forma conseguimos uma abordagem inclusiva, ampla e descontraída, onde não existe intimação (cultural/literária) ou juízos de valor pessoais ou colectivos.

GRUPOS DE LEITORES

A introdução dos Grupos de Leitores em Portugal foi efectuada por Conceição Caleiro que, através do ex-IPLB (Instituto Português do Livro e das Bibliotecas), apresentou às bibliotecas públicas uma nova forma de promoção de leitura e de contacto entre os leitores e as obras literárias (Comunidades de Leitores). Nascidas das iniciativas do Programa de Itinerâncias Culturais com o objectivo de se constituírem como espaços em que os próprios leitores fossem o público-alvo, os destinatários finais, e ao mesmo tempo os agentes impulsionadores da própria acção. O propósito inicial desta ideia era criar um modelo de funcionamento que recupera-se o ambiente das antigas tertúlias – regular, informal e acolhedor. O que estava aqui em causa era a adaptação do modelo anglo-saxónico dos grupos de leitores.

Os primeiros grupos de leitores (*book groups*) nascem no início do séc. XIX nos Estados Unidos da América, mais exactamente no estado de Massachusetts. Cerca de 1878 nasce em *Chatauqua Idea* um círculo de leitura eminentemente feminino (*Chatauqua Literary and Scientific Circles*) em que em reuniões regulares e informais são debatidos livros lidos previamente.

Actualmente e segundo os dados da *Association of Book Group Readers and Leaders* existem nos EUA mais de 300.000 grupos de leitores.

Inicialmente podíamos dividir os Grupos de Leitores em 3 tipos: aqueles que tinham um líder pago, normalmente um académico, aqueles que tinham objectivos culturais ou comerciais e que são organizados por bibliotecas ou livrarias e por últimos aqueles grupos que têm objectivos eminentemente recreativos e cujos encontros decorrem, alternadamente, nas casas dos participantes.

Independentemente dos organizadores e dos objectivos subjacentes a cada grupo podemos dizer que os Grupos de Leitores têm os seguintes pontos em comum: conjuntos de pessoas que se encontram regularmente, constituindo assim espaços de sociabilização, sendo um local para troca de ideias e partilha de opiniões com ambiente de partilha de leituras.

Assim, podemos definir um Grupo de Leitores como conjunto de pessoas que se reúne para falar sobre um livro cuja leitura foi acordada previamente. Esta designação pode parecer demasiado simplista, mas em última análise corresponde à realidade. A grande mais-valia dos Grupos de Leitores consiste na hipótese de juntar duas realidades: a leitura individual que normalmente fazemos e o complemento de podermos partilhar as nossas ideias e opiniões sobre essa leitura com outras pessoas. Muitas vezes, o facto de um livro ser lido por um grupo facilita a compreensão do texto, na medida em que podem ser colocadas dúvidas ou explicadas questões mais complexas, ao mesmo tempo que pode motivar para a leitura daquele ou de outros livros.

Existem vários tipos de Grupos de Leitores: generalistas – que lêem diversos tipos de géneros e autores; especializados – lêem livros de género ou de um tema ou numa língua específica; feminino, juvenis ou organizados por profissões e que podem ter um carácter mais lúdico, educativo ou até mesmo académico. A tipologia do Grupo está dependente totalmente do local onde se realiza ou do público a que se destina (SCOTHERN, 2000, 27).

Não existe um número mínimo de participantes para iniciar um Grupo de Leitores, contudo, deve ser acautelada a assiduidade de todos os elementos de forma a não pôr em causa as sessões e a existência de diversidade de opiniões com vista a enriquecer o debate. A maioria dos autores aponta como número ideal um grupo entre 15 a 20 pessoas, mas tudo depende da participação dos leitores, do tempo disponível, da complexidade dos livros e, também, da assiduidade dos participantes (CALVO).

No que diz respeito aos livros a ler, estes podem depender do tipo de grupo que se pretende criar, mas pode também estar relacionados com outros factores, nomeadamente na forma de acesso aos livros que o grupo vai ler. Preferencialmente, a instituição que

organiza o Grupo de Leitores deve dispor de exemplares suficientes para todos os participantes, mas caso isto não seja possível deve fazer os possíveis para que todos tenham acesso ao livro, seja através de bibliotecas da região ou seleccionando títulos facilmente disponíveis no mercado. A escolha dos livros a ler representa um dos maiores desafios do projecto, no entanto, os objectivos de cada Grupo de Leitores, o público-alvo ou a instituição que organize as sessões podem ajudar neste processo.

Tal como Daniel Pennac sugere, convém que exista liberdade na escolha das obras. A leitura deve ser um prazer e não uma obrigação, pelo que a selecção dos livros e a estratégia do Grupo são factores essenciais para a adesão/permanência dos participantes e para o sucesso do Grupo de Leitores. Contudo, o moderador (ou a instituição que organiza o Grupo) deve ter uma estratégia para o Grupo e deve sentir-se confortável com a selecção dos livros.

O moderador do Grupo de Leitores é, por vezes, o factor-chave das sessões, não que seja o elemento principal, mas antes porque normalmente é difícil encontrar uma pessoa que se sinta à vontade para tomar a seu cargo esta tarefa. A sua função principal é a de regular a conversa entre o grupo para que todos possam participar. É a figura que organiza as sessões e comunica ao grupo todas as informações necessárias ao seu bom funcionamento. Deve ser feita uma preparação do livro a ler, pesquisando sobre a biografia do autor, a época em que foi escrito e outras informações pertinentes relacionadas com o enredo, as personagens, o autor e a época. Deve preparar algumas questões ou temas de conversa de forma a estimular a participação, a conversa e o debate em torno do livro. Os moderadores de Grupos de Leitores podem ter vários tipos de formação – bibliotecários, professores, investigadores universitários, pessoas ligadas à cultura ou simples leitores ávidos de partilhar as suas leituras – mas mais importante do que a sua formação são as suas características pessoais: uma ampla cultura geral, facilidade de comunicação, capacidade de síntese e de organização e disponibilidade de tempo para acompanhar a leitura e as exigências do grupo. Essencialmente, o moderador deve potenciar a conversa entre os participantes e fazer do Grupo o centro da conversa.

A divulgação e a inscrição de eventuais participantes depende em grande medida da instituição que organiza o Grupo de Leitores, sendo que quanto maior for o público, maiores têm de ser as preocupações com a organização global das sessões. Logo de início, os interessados devem ser informados das normas de funcionamento do Grupo, quais os objectivos propostos e como vão decorrer as sessões. É decisivo para o sucesso do Grupo que as expectativas dos participantes não sejam defraudadas, devendo-se, por isso, esclarecer todas as situações, dúvidas e incertezas.

A periodicidade com que os Grupos de Leitores reúnem deve ter em atenção o público e as obras seleccionadas, devendo ser acautelado que todos os participantes vão

conseguir ler o livro no prazo definido. Por norma, os Grupos de Leitores reúnem-se com uma regularidade quinzenal ou mensal. Cada sessão deve durar entre uma a duas horas, mas isto depende da dimensão e disponibilidade do grupo ou da sua capacidade de manter a discussão fluida. Alguns grupos preferem reunir-se menos tempo por sessão, mas com uma regularidade mais próxima - semanal. Alguns Grupos preferem acompanhar a leitura com sessões semanais, ou apenas se reúnem quando lerem todo o livro. Esta opção está dependente, por exemplo, do público-alvo (grupos de leitores em meio escolar tendem a reunir-se semanalmente para seguir de forma mais controlada a leitura) ou do livro seleccionado (alguns grupos que optam por ler obras de grande dimensão – “Guerra e Paz” ou “D. Quixote” – preferem marcar as sessões para quanto a leitura da obra esteja terminada). Em suma, aquilo que importa lembrar é que têm de ser tidas em conta as características dos participantes no Grupo e que todas as regras devem ser adaptadas ao público-alvo e aos objectivos de cada Grupo.

Alguns autores (DEMPSEY, 2001) referem que recorrentemente os Grupos de Leitores têm necessidade ou a conveniência de organizar actividades extraordinárias no seguimento da leitura de um livro ou de um assunto abordado. Estas actividades podem decorrer no espaço habitual do Grupo (encontros com autores, cursos breves, palestras temáticas, etc.), ou podem ser organizadas actividades fora do horário das sessões (visitas a exposições, peças de teatro, sessões de cinema, excursões). Caso o Grupo assim o manifeste ou os objectivos do Grupo o exijam podem organizar-se actividade fora do âmbito tradicional das sessões. Importa, contudo ressaltar que estas actividades nunca devem ser um objectivo em si própria, correndo-se o risco de se perder o propósito do próprio Grupo de Leitores. Muitas vezes os participantes e os próprios dinamizadores consideram que este tipo de actividades e mais propriamente os encontros com escritores constituem o erguer de barreiras face à tão apelada horizontalidade de opiniões no âmbito do Grupo (SCOTHERN, 2000, 29).

GRUPOS DE LEITORES DAS BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE OEIRAS

O desejo de criar Grupos de Leitores na Rede de Bibliotecas Municipais de Oeiras era uma vontade antiga, fruto da visão estratégica delineada para as bibliotecas municipais e com uma forte ligação a conceitos recentes na área da promoção da leitura. Foi partindo dos conceitos de “desenvolvimento do leitor” (*reader development*) e de “abordagem centrada no leitor” (*reader-center approach*) que a Rede de Bibliotecas Municipais de Oeiras resolveu iniciar o projecto “Grupo de Leitores”.

De entre as várias denominações existentes e possíveis (Clube de Leitura ou de Leitores, Comunidade de Leitura ou de Leitores, Grupo de Leitura ou ainda Círculos de Leitura ou de Leitores,) optou-se por uma designação que coloca o enfoque no grupo, enquanto elemento agregador da actividade, e nos leitores,

enquanto agentes em redor do quais se desenvolve a acção do grupo e o processo da leitura – Grupos de Leitores.

A Rede de Bibliotecas Municipais de Oeiras (RBMO) iniciou o projecto dos “Grupos de Leitores” em Janeiro de 2007, cerca de um ano depois de 4 técnicos da RBMO terem realizado um estágio ao abrigo no Programa Leonardo Da Vinci, na *Fundación Germán Sanches Ruipérez* (Peñaranda de Bracamonte - Salamanca) que muito ajudou ao arranque e definição deste projecto. Desde o início que o nosso propósito tinha o claro objectivo destes Grupos não serem locais de análise textual ou crítica literária, mas antes espaços de partilha de leituras, de sensações, de sentimentos e de troca de opiniões sobre experiências de leitura.

O conceito de “desenvolvimento do leitor” foi-nos apresentado em Junho 2006 no seguimento de uma formação interna para os técnicos da RBMO realizada por Anne Downes da *Opening the Book* que de forma clara indicou o caminho a adoptar para a implementação e desenvolvimento deste projecto. Definimos, desde o início que o principal objectivo seria o de criar espaços para partilha de livros e de experiências de leitura, sem quaisquer juízos de valor sobre géneros, enredos e autores numa clara perspectiva de contribuir para o desenvolvimento dos leitores.

Tal como em outras actividades em que se fala sobre um livro e/ou um autor, os Grupos de Leitores induzem à leitura das obras abordadas, bem como de outras que sejam referidas no decurso das conversas. No caso dos Grupos de Leitores da RBMO, podemos dizer desde já, que os títulos que têm sido lidos pelo grupo têm continuado a ser alvo de leitura por parte de outros leitores das bibliotecas de forma muito superior ao que acontecia anteriormente. Títulos que antes registavam um número de empréstimos pouco significativo ou que praticamente não tinham empréstimos passaram a ser alvo de empréstimo de forma quase imediata, após a sua leitura pelos Grupos. Para isto, não será de descurar o facto da divulgação que é feita das sessões dos Grupos de Leitores através dos canais de divulgação da Câmara Municipal de Oeiras (CMO), mas também através dos meios da própria RBMO: blog, newsletter, cartazes, plasmás, facebook, painéis do Grupo de Leitores e através do contacto directo nas bibliotecas.

Pelo que temos observado, as pessoas que aderem aos Grupos de Leitores possuem já hábitos de leitura definidos e talvez por isso seja difícil conseguir cativar para uma iniciativa deste tipo uma pessoa que habitualmente não leia. Ainda assim, vale a pena referir que alguns dos participantes nos Grupos de Leitores manifestam uma maior predisposição e motivação para a leitura, como forma de poderem participar nas sessões, sendo que se tivermos em conta a questão social que rodeia os Grupos de Leitores poderemos vir a cativar um leitor menos regular ou até mesmo um não leitor.

Actualmente, existem 3 Grupos de Leitores na RBMO, um em cada biblioteca municipal: Algés, Carnaxide e Oeiras. Estão inscritos 59 pessoas, sendo que este não é o número de presenças regulares em todas as sessões. Em média, estão presentes em cada sessão cerca de 17 pessoas. Apesar da divulgação efectuada através dos meios de comunicação da CMO e da RBMO, a grande maioria dos participantes tomou conhecimento da iniciativa através do contacto directo nas bibliotecas, ainda que alguns dos participantes não fossem frequentadores regulares.

Neste tipo de projecto, a selecção dos títulos a ler é uma das tarefas mais complexas. Se por um lado, a opção dos livros a ler pode ser feita pelo dinamizador, permitindo assim que este se sinta mais à vontade na preparação das sessões, por outro, permitir que o Grupo expresse a sua opinião, potenciar o sentimento de Grupo, ao mesmo tempo que se envolvem e responsabilizam as pessoas neste processo. Da experiência na RBMO, podemos dizer que cada Grupo é único e que cada livro pode ter impactos diferentes e ser recebido de modo totalmente distinto. Exemplo disso, foi a primeira selecção de livros realizada para o arranque do projecto em 2007 e que foi recebida de diferentes formas no Grupo a funcionar na Biblioteca de Oeiras e na de Carnaxide. Inicialmente, seleccionámos uma lista de livros que tenham dado origem a filmes, buscando a relação tantas vezes estabelecida entre a literatura e o cinema. Esta selecção não foi inocente, e esta associação tinha como intenção servir de “rede”, caso a adesão ao projecto não fosse a esperada. Enquanto, que no Grupo da Biblioteca Municipal de Oeiras a lista foi de imediato bem recebida, o Grupo a funcionar na Biblioteca de Carnaxide não se mostrou especialmente interessado naquela relação tendo proposto outra selecção de livros em alternativa – obras de autores galardoados com o Prémio Nobel da Literatura.

Tal como já referimos anteriormente esta diferença entre Grupos não é de estranhar, no entanto, podemos compreender melhor esta opção se caracterizarmos, ainda que de forma breve, cada um dos 3 Grupos de Leitores. O Grupo de Leitores a funcionar na Biblioteca Municipal de Algés tem actualmente 15 pessoas inscritas, que participam de forma regular nas duas sessões mensais. Destes, apenas 4 se encontram reformados, sendo os restantes activos com profissões diversas. O membro mais velho tem 65 anos e o mais novo 28. A maioria dos participantes é do sexo feminino. Este é o grupo mais heterogéneo tanto do ponto de vista etário, como do ponto de vista das ocupações profissionais e até mesmo das atitudes face aos objectivos do projecto.

O Grupo de Leitores da Biblioteca Municipal de Carnaxide conta com 20 pessoas inscritas, sendo a presença dos participantes bastante regular. Existem essencialmente 3 grupos etários: o mais predominante dos 60 anos, seguindo-se os 50 anos e por último entre os 35 e os 40 anos. A maioria dos participantes tem profissões ligadas aos vários graus de ensino,

aposentados ou ainda no activo, existindo também alguns quadros técnicos e funcionários públicos. Também aqui o sexo feminino está em larga maioria.

O Grupo de Leitores a funcionar na Biblioteca Municipal de Oeiras tem neste momento 24 pessoas inscritas, sendo que destas apenas participam de forma regular 13 pessoas. A grande maioria dos membros é reformada, sendo essencialmente professores e quadros superiores. Os restantes têm formação superior, exercem profissões diversas e são ainda activas. A média de idade situa-se nos 54 anos, sendo que o membro mais novo tem 31 anos e o mais velho tem 76 anos. Como é habitual nestes grupos prevalecem os participantes do sexo feminino. De destacar que a maioria dos participantes possui uma sólida cultura geral e bons conhecimentos literários, essencialmente ao nível dos clássicos contemporâneos. Aproveitamos para referir que durante o primeiro ano este grupo contou com 4 estudantes na faixa etária dos 20 aos 25 anos, mas que por motivos profissionais deixaram de ter disponibilidade para comparecer às sessões.

Poderíamos então dizer que o participante tipo dos Grupos de Leitores da RBMO é do sexo feminino (85 %), tem entre 50 e 60 anos (60 %), possui habilitações académicas de nível universitário (75 %), do ponto de vista profissional seria professor ou um quadro superior (70 %) e estaria já aposentado (60 %).

Ao longo destes últimos 4 anos a selecção dos livros a ler em cada ano, por cada Grupo tem variado. No caso, do Grupo de Leitores da Biblioteca Municipal de Oeiras ao longo dos anos têm sido seleccionados livros de acordo com critérios do Grupo, mas com uma grande influência dos objectivos do próprio projecto. Em 2007, foram seleccionados livros que tenham dado origem a filmes, numa tentativa de juntar a literatura e o cinema, em 2008 foi a vez de lermos apenas literatura portuguesa do séc. XX, alternando autores clássicos com novos autores, em 2009 a selecção dos títulos foi deixada totalmente à consideração do próprio Grupo. De salientar que apesar de todas as recomendações de diversos autores (VAN RIEL, 2006), este foi o ano que se verificou que os livros e as leituras tiveram menor impacto e dedicação por parte do Grupo. Talvez porque os participantes não se sentiram responsabilizados pela leitura das obras, mas também porque dessa forma não foi possível dar a coerência às sessões que em anos anteriores tão bem foram acolhidas.

Desde 2008 que a RBMO disponibiliza os livros para as sessões dos Grupos de Leitores, tendo por isso adquirido 15 exemplares de cada título a ler. Desta forma, os participantes no Grupo têm acesso facilitado aos livros e garante-se que todos têm oportunidade de ler a obra atempadamente. Verifica-se, contudo, que alguns leitores preferem utilizar os seus próprios livros ou efectuando o empréstimo dos exemplares da RBMO, ficando assim manifestada a alusão à relação que se pode estabelecer entre o leitor e o seu livro ou os livros manuseados das bibliotecas.

De referir, que durante o primeiro ano do projecto (2007) não foram adquiridos livros para os participantes no projecto e que por isso se verificaram algumas dificuldades no acesso aos livros. Apesar da colecção da RBMO ser bastante grande e mesmo que aquando da selecção dos títulos se tenha tido em consideração o número de exemplares existentes, estes nunca eram suficientes para os pedidos. Durante este ano alguns dos participantes adquiriram alguns títulos, pediram emprestados a amigos ou recorreram a outras bibliotecas públicas. Importa destacar que logo durante o primeiro ano criaram-se laços entre os leitores, uma vez que após terminarem a leitura tentavam contactar os outros membros ou a biblioteca, de forma a passarem o livro para outro membro.

Até final de 2009, a Rede de Bibliotecas Municipais de Oeiras (RBMO) tinha em carteira 48 títulos para empréstimo no âmbito do projecto “Grupo de Leitores”, num total de 720 livros:

Adriana Lisboa – *Sinfonia em branco*
Anton Thekhov – *Contos de Tchékhov vol. 1*
António Alçada Baptista – *O riso de Deus*
António Lobo Antunes – *As naus*
António Lobo Antunes – *Terceiro livro de crónicas*
Arundhati Roy – *O deus das pequenas coisas*
Bernhard Schlink – *O leitor*
Boris Vian – *A espuma dos dias*
Carlos Ruiz Zafon – *O jogo do anjo*
Daniel Pennac – *Como um romance*
David Mourão-Ferreira – *Jogo de espelhos*
Doris Lessing – *Amar de novo*
Fernando Pessoa – *Livro do desassossego*
Ferreira de Castro – *A selva*
Flannery O’Connor – *Um bom homem é difícil de encontrar*
Francisco José Viegas – *Longe de Manaus*
Gonçalo M. Tavares – *Jerusalém*
Halldór Laxness – *Gente independente*
Haruki Murakami – *Kafka à beira-mar*
Helena Costa Gomes – *A pirata*
Hugo Gonçalves – *O coração dos homens*
Irene Némirovsky – *Suite francesa*
João Aguiar – *Lapedo: uma criança no vale*
João Aguiar – *Um homem sem nome*
João Tordo – *As três vidas*
Joaquim Mestre – *O perfumista*
Jorge Araújo; Pedro Sousa Pereira – *Paralelo 75*
José Eduardo Agualusa – *As mulheres do meu pai*
José Luís Peixoto – *Nenhum olhar*
Joseph Conrad – *O coração das trevas*
Khaled Hosseini – *O menino de Cabul*
Lídia Jorge – *A costa dos murmúrios*
Lídia Jorge – *Combateremos a sombra*
Lionel Shriver – *Temos de falar sobre o Kevin*
Machado de Assis – *Memórias póstumas de Brás Cubas*
M.^a Filomena Mónica – *Cesário Verde: um génio ignorado*
M.^a Velho da Costa – *Maina Mendes*
Marina Lewycka – *Breve história dos tractores em ucraniano*
Miguel Real – *A voz da terra*
Orhan Pamuk – *A cidadela branca*

Pascal Mercier – *Comboio nocturno para Lisboa*
Pedro Almeida Vieira – *Nove mil passos*
Pedro Juan Gutiérrez – *Trilogia suja de Havana*
Raul Brandão – *Húmus*
Richard Zimmler – *O último cabalista de Lisboa*
Salmon Rashdie – *Os filhos da meia-noite*
Teolinda Gersão – *O cavalo de Sol*
Valter Hugo Mãe – *O remorso de Baltazar Serapião*

Este ano está prevista a aquisição de mais 5 novos títulos. De salientar que este investimento na aquisição de livros para os Grupos de Leitores prevê a reutilização anual dos títulos pelos 3 grupos actualmente em funcionamento, mas também a oportunidade de empréstimo para outros grupos que sejam criados no concelho de Oeiras. Para isso, ao longo do ano serão realizadas algumas campanhas de divulgação do projecto junto de escolas, associações, centros de dias, e outras entidades locais.

No que diz respeito à dinamização dos Grupos e após algumas resistências internas quanto ao formato das sessões e sobre quem ficaria responsável pelos Grupos – as sessões teriam obrigatoriamente de ser dinamizadas por técnicos das bibliotecas municipais – o desafio foi aceite e até ao momento tem sido um projecto muito compensador e com resultados alcançados a vários níveis: social, institucional, cultural, literário e pessoal. Tínhamos decidido desde o início que não haveria dirigismos, nem líderes demasiado vinculados. Pretendia-se um moderador que distribuísse e relançasse a conversa e que controlasse o tempo das sessões e das intervenções pessoais. Alguém que estivesse ao nível dos demais participantes, que lesse com a regularidade que o dia-a-dia permite, que valorizasse a leitura independentemente do autor, género ou enredo e que os participantes sentissem como “um entre iguais”. Pretendíamos reunir num grupo pessoas que gostassem de ler e em que a intenção última fosse a partilha, discussão e debate das diferentes opiniões, que cada um tinha da leitura, ou mais exactamente, da leitura de um mesmo livro.

Aquilo que se pretendia – e ainda se pretende – comprovar é que um Grupo de Leitores não necessita de vedetas, eruditos ou académicos, mas antes de pessoas com um ponto em comum: o gosto pelos livros, pela leitura e pela partilha de opiniões. Este propósito não foi ocasional e pretendia desta forma autonomizar o Grupo, com vista a surgirem, novos dinamizadores para outros Grupos (CRUZ *et al.*, 2007, 34).

As sessões dos Grupos de Leitores têm a duração de cerca de 1h30. Por norma, e como resultado do ambiente que se cria e da conversa agradável e contínua que se gera, as sessões chegam a durar 2 horas. Por questões logísticas, as sessões dos Grupos de Leitores iniciam-se ao final da tarde: 18h30 na Biblioteca de Oeiras e às 19h00 nas Bibliotecas de Algés e Carnaxide. Observando as características dos Grupos não é estranhar esta opção de horário; a maioria dos participantes trabalha ou sendo já reformado tem outras ocupações até essa hora. Estamos em fase de estudo e

análise para a criação de Grupo de Leitores com outras características a decorrer aos Sábados de tarde, com vista a captar outro tipo de público.

Por questões de rotina e regularidade dos encontros, definimos que os Grupos de Leitores reuniriam 2 vezes por mês, sendo as sessões marcadas para a primeira e a segunda Terça-feira de cada mês. No entanto, estes dias podem ser alterados sempre que Grupo assim o manifestasse, tal como veio a suceder com o Grupo da Biblioteca de Oeiras que desde este ano reúne-se à Quarta-feira.

Ocasionalmente, os Grupos de Leitores da RBMO organizam actividades paralelas às sessões regulares, sejam encontros com autores, conversas com especialistas, visitas de estudo ou cursos breves de literatura.

Em todas as sessões dos Grupos de Leitores são feitos apontamentos, sendo também recolhida informação para orientação do dinamizador e organização das sessões. Dependendo do Grupo, estes “Guias de Leitura” são também entregues aos participantes conforme o seu interesse. Enquanto os Grupos da Biblioteca de Algés e Carnaxide demonstram-se grande interesse nestes Guias, o Grupo da Biblioteca de Oeiras prefere tirar apontamentos das referências feitas durante as sessões, nos seus cadernos de leituras. É esta também mais uma das características dos Grupos de Leitores da Rede de Bibliotecas Municipais de Oeiras (RBMO) que demonstram a “união na diversidade”.

Para o futuro deste projecto na Rede de Bibliotecas Municipais de Oeiras perspectivamos:

- Multiplicar os resultados dos Grupos de Leitores existentes ao criar espaços para as opiniões dos participantes;
- Criar Grupos de Leitores especializados (ficção e não-ficção);
- Criar Grupos de Leitores para jovens;
- Criar Grupos de Leitores para pais e educadores;
- Potenciar a organização de outros Grupos de Leitores no concelho de Oeiras de forma a rentabilizar o investimento realizado com a aquisição de livros e na elaboração dos “Guias de Leitura”, de forma a criar uma rede de Grupos de Leitores de âmbito local;
- Organizar um Encontro Nacional de Grupos de Leitores, criando assim uma oportunidade para os diversos grupos de leitores (tipologia, locais e com diferentes objectivos) existentes em Portugal se reunirem para debaterem e trocarem experiências.

CONCLUSÕES

Das vantagens e mais-valias dos Grupos de Leitores que já foram referidas anteriormente, podemos sistematizar as mais importantes:

- Criam espaços de aprendizagem informal ou estar mais envolvido com a sociedade;
- Colmatam as falhas da educação formal, enquanto oportunidade para ler ou reler livros considerados

importantes por si e pelos outros membros;

- Constituem uma oportunidade para partilhar leituras e trocar opiniões sobre o que se leu;
- Permitem conhecer melhor o outro e desenvolvem competências sociais e de relações interpessoais;
- É uma actividade cultural/tempos livres em que não é necessário despender qualquer esforço ou dinheiro.

No seguimento dos princípios de desenvolvimento do leitor, os Grupos de Leitores das Bibliotecas Municipais de Oeiras já alcançaram os seguintes objectivos:

- Apresentam outros géneros e autores aos membros do Grupo de Leitores;
- Fazem com que alguns membros alterassem a sua opinião sobre alguns autores ou géneros literários;
- Conquistam novos leitores pela dinâmica das sessões e pelo ambiente do Grupo;
- Permitem a criação de laços entre os membros que se prolongam para além das sessões presenciais;
- Têm um impacto para os outros leitores das Bibliotecas, uma vez que os livros lidos pelos Grupos têm um aumento dos empréstimos;
- Criam um sentimento de pertença no âmbito do Grupo e junto da biblioteca;

De uma forma geral podemos dizer que os Grupos de Leitores potenciam mais-valias a diferentes níveis:

Para as bibliotecas:

- Servem melhor a comunidade;
- Aumentar e expandir os públicos;
- Melhorar a relação com o livro;
- Disponibilizar técnicas de desenvolvimento do leitor;
- Oferecer uma maior diversidade de actividades;
- Aproximam-se dos seus utilizadores;
- Melhoram a sua imagem junto dos utilizadores e da comunidade;
- Potenciam as relações ao nível local e regional;
- Apoiam de forma mais alargada a economia cultural;
- Permitem o desenvolvimento profissional dos bibliotecários.

Para os leitores:

- 50% dos adultos e 100% das crianças lêem mais;
- 45% dos participantes dos Grupos de Leitores em bibliotecas realizam mais empréstimos;
- 17% dos participantes nos Grupos de Leitores de bibliotecas compram mais livros;
- 41% dos dinamizadores de Grupos de Leitores afirmam que os leitores mais novos melhoram a sua opinião sobre as bibliotecas e usam-nas com maior frequência (MLA COUNCIL, 2004).

Os participantes de Grupos de Leitores lêem mais, têm mais opções de leitura e têm melhores e mais agradáveis experiências de leitura.

Os membros de Grupos de Leitores falam sobre livros mesmo fora das sessões e constituem uma importante

rede social e cultural – de âmbito local, regional ou até mesmo nacional – de incentivo e defesa do livro e da leitura.

Pertencer a um Grupo de Leitores também pode ter outras vantagens, nomeadamente:

- Enquanto forma de aprendizagem;
- Potencia momento de relaxamento e de boa disposição;
- Desenvolve a auto-confiança e a auto-estima;
- Cria um sentimento de pertença, de inclusão e de grupo;
- Promove uma sensação de bem-estar pessoal e colectivo;
- Fornece um local de confiança e entreaajuda em momentos difíceis;

Para a comunidade local:

- Grupos de Leitores ajudam a reunir as pessoas;
- Promovem um maior entendimento cultural e social através da leitura;
- Equilibram o acesso à cultura e actividade criativa;
- Promovem o sentimento de pertença e o sentido de grupo no âmbito local;

NOTAS

Reader development, reader-centred e reader-centred approach são conceitos criados pela empresa *Opening the Book*.

Este projecto não seria o mesmo, nem teria alcançado os mesmos resultados sem a participação e a dedicação das colegas Gabriela Cruz e Rute Oliveira, responsáveis pela dinamização dos Grupos de Leitores da Biblioteca Municipal de Carnaxide e da Biblioteca Municipal de Algés, respectivamente.

Também uma palavra de reconhecimento aos colegas da RBMO que ao longo destes quatro anos contribuíram de diferentes formas para este projecto.

REFERÊNCIAS

ARELLANO YANGUAS, Villar – El Club de Lectores : instrumento para socializar la lectura. In: **Educación y Biblioteca**, Ano 7, nº 61 (Oct. 1995), p. 57-58.

CALVO, Blanca – **Receta para un club de lectura**. [Em linha]. [Consult. 10 de Março 2008] Disponível em WWW: <http://travesia.mcu.es/receta.asp>

CHARTIER, Roger – **A ordem dos livros**. Lisboa: Veja, 1997.

CRUZ, Gabriela; EIRAS, Bruno Duarte; MATOS, Gaspar – Grupos de Leitores nas Bibliotecas Municipais de Oeiras. In **LEITURA(S)**. Porto: SETEPÉS, 2007.

DEMPSEY, Anne – **Sharing a personal pleasure: all you need to know about senior reading groups**. Dublin: Age & Opportunity, 2001.

ELKIN, Judith; TRAIN, Briony; DENHAM, Debbie – **Reading and reader development: the pleasure of reading**. London: Facet Publishing, 2004.

FURTADO, José Afonso – **Os livros e as leituras: novas ecologias da informação**. Lisboa: Livros e Leituras, 2000.

HORNBY, Susan; GLASS, Bob – **Reader development in practice: bringing literature to readers**. London: Facet publishing, 2008.

MANGUEL, Alberto – **Uma história da leitura**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

MUSEUMS, LIBRARIES AND ARCHIVES COUNCIL – **A national public library development programme for reading groups**. [Em linha]. London: MLA, 2004. [Consult. 20 de Janeiro 2009] Disponível em WWW: http://www.mla.gov.uk/resources/assets/F/fff_rg_rep_pdf_6608.pdf

NUNES, Henrique Barreto – **Da biblioteca ao leitor: estudos sobre a leitura pública em Portugal**. 2.^a ed. Braga: Autores de Braga, 1998.

PENNAC, Daniel – **Como um romance**. Lisboa: Edições Asa, 2002.

SARICKS, Joyce G. – **Readers advisory service in the public library**. 3rd ed. Chicago: ALA, 2005.

SCOTHERN, Claire – **What makes a successful Public library reading group? How good practice can be created and sustained**. [Em linha]. Sheffield: University of Sheffield, 2000. 107 pp. [Consult. 10 de Setembro 2008]. Disponível em WWW: <http://dagda.shef.ac.uk/dissertations/1999-00/scothern.pdf>

VAN RIEL, Rachel; FOWLER, Oliver – **Opening the book: finding a good read**. London: Opening the book, 2006.